



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

O SABER DE MÃO EM MÃO: OFICINAS PEDAGÓGICAS EVIDENCIANDO VALORES DE AFRICANIDADES NO SERTÃO BAIANO

ANA LISE COSTA DE OLIVEIRA SANTOS

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO: O presente artigo pretende promover uma reflexão entre cultura afrobrasileira, ética e formação inicial de professores, buscando tecer algumas considerações sobre o processo de formação de educadores numa perspectiva ética. A experiência relatada ocorreu no 4º semestre do Curso de Graduação em Pedagogia da Plataforma Freire, no município de Ibititá (BA), no ano de 2014. Os resultados dessa experiência apontam para a valorização da educação ética nas instituições superiores que formam professores. Sobretudo, a prática pedagógica adaptada à didática das oficinas, permitiu a construção de ações educativas voltadas para a afirmação das relações etnicorraciais nas escolas, sendo estas evadas de valores intrínsecos a cultura afro-brasileira, tais como: identidade, ancestralidade, alteridade e resistência.

Palavras-chave: Ética e educação de valores no ensino superior – Cultura Afrobrasileira – Formação inicial de professores

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo promover la reflexión entre la cultura afro-brasileña, la ética y la formación inicial del profesorado, tratando de hacer algunas observaciones sobre el proceso de formación del profesorado desde una perspectiva ética. La experiencia reportado ocurrió en el cuarto semestre del curso de licenciatura en pedagogía de la plataforma de Freire en el municipio de Ibititá (BA) en el año 2014. Los resultados de este experimento sugieren que la apreciación de la educación ética en las instituciones superiores que forman a los profesores. Por encima de todo, la práctica pedagógica adaptada a talleres de enseñanza, permitió la construcción de actividades educativas orientadas a la declaración de etnicorraciais relaciones en las escuelas, que se acosan con los valores intrínsecos de la cultura afro-brasileña, tales como: la identidad, la ascendencia, la alteridad y la resistencia.

Palabras clave: ética y la educación en valores en la educación superior - Cultura Afro-Brasileña - Formación inicial del profesorado

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação contemporânea possui uma característica singular: a condição de aprendizagem. Sabemos que os processos de formação dos professores contemplam a mobilização dos saberes docentes para o desenvolvimento de uma práxis pedagógica eficaz e crítica. Assim sendo, acreditamos que as oficinas são estratégias pedagógicas que acionam a criatividade e o potencial dos sujeitos da educação, sobretudo os educadores.

Considerando essas premissas editadas acima somos levados a enxergar a escola como uma instituição por excelência do saber e de valorização da cultura e da ética na formação dos educandos. No entanto, sabemos também que o ambiente escolar é um espaço de inflexão de costumes e visões, como também de ratificação de preconceitos, situação cujas raízes estão ligadas a uma cultura de ignorância. Faltam a população, dentro e fora do sistema escolar, conhecimento, memória e referência. O imaginário nacional propagado nas salas de aula está pautado na falta de conhecimento e/ou desinteresse, tanto de alunos quanto dos profissionais da educação, acerca da História e Cultura

Afro-Brasileira. No Brasil o preconceito começa na infância, onde a criança é exposta a literatura infantil de referências eurocêntricas, onde em seus contos de fadas mais populares não existem princesas ou heróis negros. A questão não está no fato de querer ser melhor ou pior, nem pautada nos sentimentos de superioridade e inferioridade, mas de tratar as diferenças em pé de igualdade, possibilitando o acesso às histórias de outras raças. Trata-se mais de uma questão ética, isto é de respeito ao ser humano, do que de reparação de injustiças cometidas durante séculos.

Para Kabengele Munanga, professor de sociologia da USP e vice-diretor do Centro de Estudos Africanos da instituição, os livros didáticos, no Brasil, a despeito dos consideráveis investimentos realizados na área conforme as leis federais 10.639 e 11.645, ainda não se têm uma orientação que realmente contemple as raízes africanas do país. Além disso, os professores precisam estar abertos para lidar com a temática, para buscar informação em vários lugares, não apenas nos livros. Eles devem conhecer a realidade dos estudantes para trabalhar o tema. O aluno precisa voltar para casa e ter o que contar, tem que levar essas questões para a família.

Diante disso, tendo como parâmetro a realidade posta nas escolas de Ibititá (BA), considerando os trabalhos realizados no projeto com a mesma temática desenvolvidos nas disciplinas FUNTAP IV e Estágio Supervisionado IV, decidimos dar continuidade as atividades, aprofundando melhor o tema da cultura negra nas escolas dentro da disciplina Oficinas Articulares IV. Para tanto a escola eleita pelos licenciandos em pedagogia foi a escola Martiniano Marques Dourado, que atende uma grande clientela de educação infantil e ensino fundamental I, situada num bairro carente e com extensa população afrodescendente. Urge então que façamos a diferença em nossas práticas pedagógicas na intenção de promover ações educativas de reconhecimento e respeito às culturas afrobrasileiras e indígena.

Nesse sentido, o relato de experiência que se segue pretende registrar os trabalhos realizados no 4º semestre, na disciplina Oficinas Articulares IV, com carga horária de 30h, no âmbito da Plataforma Freire, Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – Campus de Irecê, no município de Ibititá (BA), sob a orientação da Professora Ms. Ana Lise Costa de Oliveira Santos, entre os meses de novembro e dezembro do ano de 2014.

DISCORRENDO SOBRE AS OFICINAS PEDAGÓGICAS E SEUS CONTRIBUTOS NA FORMAÇÃO ÉTICA DE PROFESSORES

A experiência foi desenvolvida tendo as oficinas pedagógicas como recurso para fomentação de valores em nossa prática pedagógica. Objetivamos então, promover ações pedagógicas de educação etnicorracial e de valores, considerando a importância de construirmos uma cultura de respeito à diversidade, sobretudo com relação ao povo negro seus descendentes. Cabe aqui ressaltar que essa iniciativa é fruto de uma linha de trabalho em educação de valores que vem sendo desenvolvida por nós em diferentes espaços educativos, desde o ano de 2007, tendo sua consolidação, conforme Oliveira (2012), em virtude conclusão do mestrado em educação e contemporaneidade. De lá para cá seguimos em frente buscando construir uma rede de saberes que oportunizem a formação de valores e atitude ética no âmbito da formação inicial de professores e também da escola básica.

No primeiro encontro construímos em conjunto, professora e estudantes, um planejamento de nossos trabalhos. Elaboramos o planejamento da disciplina, discutimos a metodologia, os conteúdos, resultados esperados e a avaliação. Logo após adentramos no desenvolvimento da temática discutindo questões relevantes como a Contextualização do Currículo na Educação Contemporânea, através da realidade sócio-educacional no país, estado e municípios, as oficinas como dispositivos pedagógicos na formação dos sujeitos da educação. Logo após as discussões fizemos (re) elaboração do projeto unificado “**Cultura afro-brasileira nas escolas: desafios e possibilidades**” sequência ao projeto desenvolvido com o mesmo tema concomitantemente nas disciplinas FUNTAP IV e ESTÁGIO IV.

Outrossim, referendamos nossa prática pedagógica para o desenvolvimento da disciplina nos referenciais teóricos seguintes: Oficinas pedagógicas (Oliveira, 2004), Honsberger e George (1999); Andrade e Cordeiro (2011). Além disso, nos amparamos na legislação nacional específica: Lei 10.9639 (2003) que institui a obrigatoriedade da cultura afrobrasileira nas escolas básicas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2011) e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações etnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (2013). Para subsidiar nossas práticas em educação de valores nos amparamos em Carreras (2006), Severino (2011), Puig (1998), Silva *et al* (2013), e Freire (1996), Tiba (2007) e Oliveira (2012). Salientamos que os professores-estudantes utilizaram outros referenciais para a elaboração e realização de suas oficinas.

Assim, se faz necessário pontuar a nossas concepções acerca de: Ética e educação de valores no ensino superior, Cultura Afrobrasileira e Formação inicial de professores. Numa perspectiva crítica e voltada para a autonomia docente, a formação de professores que cremos, procura desenvolver nos licenciandos um estilo de ensino próprio, oriundo de suas próprias reflexões, e do sentido atribuído por estes às suas práticas (GARCÍA, 1999). Mergulhados nesse contexto universitário educar em valores é educar ética e moralmente, porque são estes que ensinam os sujeitos a comporta-se como ser humano, a chegar à convicção de que algo importa ou não, vale ou não, a discernir entre um valor e um

contravalar, objetivando uma pedagogia de valores que visa “conseguir novas formas de entender a vida, de construir a própria história, pessoal e coletiva.” (CARRERAS et al, 2007, p. 25). Por último, entendemos que a História e a Cultura Afrobrasileira e Africana compreende o conjunto de manifestações culturais do Brasil que sofreram algum grau de influência da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade e que integra a nossa identidade. Desse modo:

Será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores a serem estabelecidos pelas instituições de ensino, e seus professores, visando desenvolver nos estudantes de seus cursos de licenciatura e formação de professores (as) habilidades e atitudes que permitam contribuir para a Educação das Relações Etnicorraciais. (BRASIL, 2013, p. 40.)

A partir de análise dos resultados do projeto nas disciplinas citadas, constatamos que o desenvolvimento do tema da cultura negra nas escolas trabalhadas ainda é um desafio para professores e estudantes. Para os professores-estudantes o tema foi desenvolvido no mês da consciência negra, mas estes perceberam a necessidade de fortalecer o tema com práticas pedagógicas inovadoras, não só nessa época, mas sim constantemente no decorrer de todo o ano letivo. No caso dos estudantes, muitos desconhecem a importância do tema para suas vidas e carregam traços de preconceito, racismo e discriminação oriundos de valores dos contextos familiares e sociais que herança do nosso passado escravocrata. Pensando em vencer esse desafio de valorizar a cultura negra nas escolas, o lócus escolhido para a realização das oficinas foi a escola Martiniano Marques Dourado, que atende desde a educação infantil até o ensino fundamental I, situada na comunidade do Riacho, sendo esta de uma população carente, e com a presença de muitos afrodescendentes. Ressaltamos que os nomes utilizados nos depoimentos do relato que se segue são fictícios, para preservar a identidades dos sujeitos.

Durante as aulas da disciplina Oficinas Articulares IV, desenvolvemos a escolha das temáticas e dos grupos de trabalho das oficinas. As cinco temáticas abordadas em microprojetos foram: **Identidade negra e autoconhecimento: descobrindo o “eu”, o “nós” e os “outros”;** **Cultura negra e autoestima dos educandos;** **Cultura negra na escola: (re) vivendo valores;** **Cidadania e cultura afrobrasileira: desafios à escola à comunidade;** **Cultura negra e arte na escola.** Em seguida começamos a desenvolver o processo de orientação dos cinco grupos de trabalhos, no que diz respeito ao esboço dos projetos das oficinas, bem como elaboração do cronograma, constando o antes, o durante e depois.

Nesse momento é interessante destacar que os estudantes foram sensibilizados com a temática de africanidades, através de oficinas desenvolvidas na turma. Se o intuito era instrumentalizá-los em oficinas pedagógicas, nada mais oportuno do que permitir que os mesmos experimentassem os valores e as oficinas dentro da própria disciplina. A professora orientada lançou mão de atributos com leitura de imagens, vídeos que discorriam sobre a história dos negros no Brasil. A ancestralidade, entendida como respeito aos que existiram e aos que virão, foi o valor mais evidenciado durante as pesquisas e vivências com indica os estudantes:

Na feitura dos projetos mergulhei na cultura africana e afro-brasileira e me vi ali, buscando minha essência, meus antepassados, minha ancestralidade. Viver este valor foi marcante, pois ao ver as imagens da África, por exemplo, pude me conectar com as paisagens rurais de minha infância e vi tem muita coisa parecida. Pude entrar em sintonia com os hábitos dos meus avós maternos que são negros e me emocionei. Agora sei de onde eu vim e posso entender perfeitamente o meu aluno e incentivá-lo a buscar suas origens. (Dandara, 4º semestre)

Dialogando com Carreras et al (2006) e Tiba (2007), constatamos que viver o valor da ancestralidade permitiu aos estudantes considerar que este consiste numa relação equilibrada entre o passado, o presente e o futuro, remetendo para a valorização das pessoas que nos antecederam, suas lutas, suas histórias e o papel das gerações atuais na continuidade de seus feitos, transmitindo a um tempo futuro aquilo que fizeram e tiveram de melhor.

No dia 08 de dezembro de 2014, o projeto “**Cultura afro-brasileira nas escolas: desafios e possibilidades**” foi concretizado com a realização das oficinas pedagógicas na escola Martiniano Marques Dourado, no turno vespertino. Simultaneamente, os grupos de trabalho desenvolveram seus cronogramas de trabalho, conforme o planejamento prévio. Registramos que vivenciamos momentos especiais, no qual ao supervisionarmos cada sala, percebemos o envolvimento dos professores-estudantes, dos estudantes, dos membros da escola e secretaria de educação, da comunidade que também se fizeram presentes. A temática de cada oficina foi muito bem desenvolvida com criatividade, emoção e respeito para com a cultura negra. O grande destaque foi o encerramento dos trabalhos onde todo o público reunido assistiu a uma belíssima apresentação de capoeira, com o grupo cultural local Jacobina Arte.

Ressalta-se que os materiais produzidos nas cinco oficinas articulares foram variados, dentre os quais se destacam as dinâmicas, os textos reflexivos, folderes, cartazes, slides, jogos interativos, vídeos, dramatizações, teatro, músicas, artes plásticas, danças afro-brasileiras a exemplo do samba de roda e da capoeira, dentre outros que serão apresentados nas vivências fotográficas no espaço dos anexos. Tudo isso ressalta o caráter dinâmico e interdisciplinar que as oficinas

pedagógicas possuem, incentivando assim a criatividade dos educandos e a interação entre professores e alunos, todos juntos construindo saberes de forma compartilhada e divertida.

Nesse sentido, assim como a ancestralidade dominou a crença valorativa na etapa e sensibilização, nesta etapa de concretização das oficinas na educação infantil e fundamental aqui os estudantes se sentiram guiados por dois valores: a identidade e a alteridade. Sobre a identidade, entendida como o conjunto de elementos que determinam que tal indivíduo é único e irreplicável e pertencente a uma coletividade, podemos afirmar que a cada projeto de oficina concretizado nas variadas turmas com os licenciandos trouxe a tona a origem identitária da cada um.

“Não sabia que viveria minha negritude de maneira tão intensa, ao ver minha filha dançando ao som do atabaque tão desenvolta e eu também entrei na roda de samba, me arrepiei e ao sentir os requebros de meu corpo pude notar que minha pele branca, dizia pouco de mim, pois hoje sei que sou negra sim e, de agora em diante, vou valorizar mais esse elemento em minha identidade.” Zabelê, 4º semestre.

De acordo com Puig (1998), Freire (1996), Severino (2011) Silva *et al* (2000) e Carreras *et al* (2006) a identidade é mais que um valor, é um movimento de encontro ao pertencimento, no qual cada sujeito se esforça para encontra-se, através das similaridades e diferenças com o outro. Sendo assim os licenciandos foram levados a viver o valor da identidade reconhecendo, a partir da própria experiência, a importância de crianças e adolescentes, independente da raça, etnia ou cor a pele, serem estimuladas a reconhecer e valorizar as identidades culturais da sua região, sobretudo o nosso semiárido baiano, que podem estar presentes em quilombos, terreiros, aldeias, bairros populares, assentamentos e outros territórios e que elas podem se orgulhar de que a cultura da sua localidade integra a diversidade que caracteriza a cultura brasileira.

A alteridade foi um valor também compartilhado pelos licenciandos. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença, que implica ser outro, sem descuidar de si, colocar-se ou constituir-se como outro. (CARRERAS, 2006). Tanto durante a preparação, quanto a durante a realização das oficinas pudemos notar que esse valor foi imperativo nas vivências dos professores-estudantes. A cada cena pedagógica que remetia a africanidades, neles o respeito pelo outro: o negro. O depoimento de Zumbi, 4º semestre, reforça esse dito:

Na oficina de arte africana pude enxergar melhor que ser negro é plural e diverso. Não existe o negro padrão. Existem sim várias formas de se viver a negritude. Eu e meus colegas percebemos que temos identidade negra de origens diferentes. Quem nos fez enxergar isso foi a nossa querida professora dessa disciplina, que também é negra do semiárido, mais que mesmo assim encontramos nela semelhanças e diferenças em relação as nossas origens. Com a alteridade entendemos que precisamos respeitar o outro e ver nele alguém que nos completa.

Nesse sentido, Arruda (1998) nos ajuda a perceber que a relevância de se discutir alteridade na educação, sobretudo na formação inicial de professores na universidade, se dá pela função socializadora da escola e pela sua potencial contribuição para se chegar a uma sociedade mais justa. Portanto, educar é promover a, conviver com a diversidade e estar aberto às diferenças, voltado para os interesses e necessidades de todos os seres humanos.

Não podemos esquecer-nos da experiência valorativa forjada durante todo o processo, mas somente tomada com consciência pelos licenciandos aqui nesta etapa. O valor resistência estava presente em todo momento, desde os preparativos à realização das oficinas pedagógicas. “Esse tema precisa estar vivo nas nossas memórias e na nossa prática pedagógica não só agora no novembro negro, pois negro tem que ser vivido nos 365 dias do ano, é pra vida inteira,” disse Luanda, estudante do 4º semestre. Nesse interim, Munanga (2005) reforça que a resistência mostra o processo de luta pela sobrevivência física e cultural dos povos indígenas e negros no Brasil, por meio de práticas sociais, políticas, culturais e religiosas, fazendo com que se mantivessem conhecimentos ancestrais próprios que fortalecem a identidade étnico-racial.

Por fim, no nosso último encontro da disciplina, concluímos nossos trabalhos em sala com uma roda de diálogo sobre o percurso da disciplina e a orientação aos grupos para elaboração do relatório das oficinas. Assim como na etapa dos microprojetos tivemos intensas trocas de produção, com frenéticas correções e reescritas dos textos, haja vista as dificuldades encontradas pelos professores-estudantes com desenvoltura da escrita acadêmica. Sobretudo, ressaltamos a importância das oficinas pedagógicas na construção de valores e atitudes voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira, mediante a vivência dos valores: ancestralidade, identidade, alteridade e resistência. Ao final fizemos uma autoavaliação das oficinas, da disciplina como um todo, seguido de confraternização e encerramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido em oficinas articulares IV nos proporcionou um contato com os saberes docentes e a criatividade dos nossos professores-estudantes. Nos depoimentos durante a socialização das oficinas que estes realizaram na escola de ensino básico ficou evidente que essa prática pedagógica foi de suma relevância para os estudantes da PARFOR, pois os mesmos revelaram que exercitaram a vivência de valores, a interdisciplinaridade, bem como o exercício da escuta de vozes muitas vezes silentes no contexto escolar.

Destacamos que ao vivenciarem na sala de aula como licenciandos a construção de valores, os mesmos puderam perceber que a educação de valores é porta de entrada para a construção de uma nova cultura escolar no que tange a valorização da cultura afrobrasileira nas escolas e na sociedade. A partir do quadrilho de valores, a saber: ancestralidade, alteridade, identidade, e resistência, fomentados durante o processo pedagógico da disciplina, se pode ter mais clareza de que pela via da competência ética, se conquista as demais competências inclusive a técnica e a política, imprescindíveis na formação de profissionais, sobretudo educadores.

Nesse sentido, fica claro na nossa visão de formadores, bem como dos grupos que elaboraram as cinco oficinas que foi muito marcante essa vivência, para que nos sintamos estimulados a (re) construir nossos saberes e práticas educativas em valores. Percebemos também o quanto é significativo trabalhar a cultura negra nas escolas, uma vez que foi um tema instigante que motivou os educadores e educandos a refletirem e se posicionarem criticamente diante do conhecimento. Dentre as lições aprendidas uma se destaca: a necessidade do trabalho com a cultura negra ao longo dos anos letivos, ao encontro de práticas de educação etnicorracial nas escolas e na comunidade.

De igual modo, se faz necessário pontuar que corroboramos com os estudos sobre a docência universitária de Pimenta e Anastasiou (2002) e de Soares e Cunha (2010), tanto os limites, quanto as possibilidades dessa prática inovadora na aula universitária aqui relatada tem uma relação direta com a formação do professor formador, que necessita de maior atenção no que concerne a sua legitimidade profissional.

Diante do exposto, afirmamos que esta experiência relatada testemunhou um ensino inovador por oportunizar a formação de atitude ética e a educação de valores dos seus licenciandos numa universidade pública do sertão baiano. Também, essa experiência serviu de meio tanto para a formação contínua do (a) educador (a) escolar, quanto para a construção criativa e coletiva do conhecimento, por alunos e alunas, professores e professoras, que trabalham na escola pública. Essa metodologia, portanto, foi pensada e desenvolvida com o olhar voltado para a formação desses (as) profissionais de ensino, no contexto de um modelo epistemológico que supõe o conhecimento como um processo criativo de apropriação e transformação da realidade. Enfim, advogamos em favor uma pedagogia de valores, antirracista e antidiscriminatória, no intento de educar os sujeitos para um processo contínuo de aprendizado e prática da cidadania ética.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Fernando César B; CORDEIRO, Filomena M^a. **O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**. Disponível em: <http://www.filomenamoita.pro.br/pdf/GT06-1671.pdf>. Acesso no dia 10 de abril de 2011.
- ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BRASIL. Lei 10.639/03**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 13/09/2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana**. Brasília: 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC- SECAD/SEPPPIR /INEP, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECADI, 2013.
- CARRERAS, L (org). **Como educar integrando valores**. Tradução de Alda A. Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.
- HONSBERGER, Janet; GEORGE, Linda. **Facilitando oficinas: da teoria à prática**. Treinamentos de Capacitadores do Projeto Gets - United Way do Canadá. 1999.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2^a ed. Revisada. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- OLIVEIRA, Ana Lise C. de. **Formação ética de professores: representações sociais de estudantes de Pedagogia**. 2012. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.
- OLIVEIRA, Ivani (org). **Oficinas e dinâmicas: técnicas para o trabalho em grupo**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PUIG, Josef Maria. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 1998.

SEVERINO, A. Formação e atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. In: SEVERINO, Cleoni M^a Barboza (org). **Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 130-149.

SILVA (org). **A importância de reflexão sobre os valores na escola**. Revista de Educação do COGEIME. Ano 22, n^o 42. Jan/Jul de 2013, pp. 113-128.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Sandra R.; CUNHA, M. Isabel. A docência universitária e a formação para seu exercício. In: SOARES, Sandra R., CUNHA, M. Isabel. **Formação do professor: A docência universitária em busca de legitimidade**. Salvador: EDUFBA, 2010.

TIBA, Icami. **Quem ama educa!: formando cidadãos éticos**. 33^a ed. São Paulo: Integrare, 2007.

Mestre em Educação e Contemporaneidade. Membro do grupo de pesquisa Docência Universitária e Formação de Professores (DUFOP) no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc – UNEB. Licenciada em Pedagogia. Especialista em Educação e Pluralidade Sócio-Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Psicopedagogia pela FACINTER- IBPEX. Especializanda em Coordenação Pedagógica (UFBA). É docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Regional de Riachão do Jacuípe. Atualmente é coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) da cidade de Riachão do Jacuípe. Contatos de e-mail: alisecosta@gmail.com.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: